

O Acesso ao Mundo da Vida Cotidiana por meio de Processos Judiciais.

Alisson Droppa
Mestrando PPGH- UNISINOS
Bolsista CAPES

Resumo: A nova historiografia tem se voltado ao estudo da vida dos sujeitos deixados de lado pelos historiadores em um passado recente. Neste sentido, o texto pretende discutir a questão da construção social do mundo da vida cotidiana no passado, através de processos criminais de um sujeito fora do âmbito dos grandes heróis. Será utilizado como referencial o conceito de Mundo da Vida Cotidiana de Alfred Schutz e o conceito de Representação da Sociedade de Howard Becker. A intenção é discutir o mundo da vida cotidiana de um lavrador do município de Ijuí no ano de 1911, por meio de um processo criminal envolvendo álcool e violência. O estudo de processos criminais possibilita a construção do cotidiano no passado, permitindo não a recriação de um passado, mas a representação dele por meio da interpretação dos vestígios deixados pela fonte.

Palavras Chave: Processos Criminais - Cotidiano- Violência

A historiografia tem se voltado ao estudo da vida dos sujeitos deixados de lado pelos historiadores em um passado recente, estudando os grupos sociais populares, constituídos por sujeitos excluídos do modelo anterior de se fazer história.

Carlo Ginzburg¹, em *O Queijo e os Vermes* demonstra a possibilidade de analisar o cotidiano de um sujeito comum, como ele mesmo afirma, cria-se a possibilidade de contar a história dos operários que trabalharam nas edificações. O referido autor acessa o universo cultural de um moleiro durante a inquisição, não com objetivo de contar a história de Domenico Scandella, como de um único sujeito, mas a com a intenção de reconstruir o universo cultural de sujeitos com as mesmas características daquele moleiro.

¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

No momento em que o Historiador decide direcionar a sua lente para o Mundo Cotidiano de sujeitos que estão no passado, à problemática parece ser ampliada, principalmente se tomarmos como ponto de referência o desenvolvimento do próprio conceito de Vida Cotidiana, elaborado pelo sociólogo Austríaco Alfred Schutz. Como afirma Monsma², o redirecionamento para uma abordagem baseada no que pensavam os sujeitos encontra obviamente problemas em relação a fontes de pesquisa, mas que podem ser saneadas através de documentos que transpareçam a voz dos sujeitos, mesmo havendo certa distorção.

O estudo do Mundo da Vida Cotidiana no passado passa a ser possível no momento em que entendemos que mesmo no presente, o Mundo da Vida Cotidiana também é uma representação social de uma dada realidade. Segundo Becker³ os sujeitos ao tempo todo fazem representações de si mesmos, contanto e omitindo o que determinam ser o essencial.

Neste texto, desenvolvido para ser apresentado no Simpósio Temático: As Fontes Judiciais como Ferramentas para Interpretar o Passado: discussões teóricas e abordagens metodológicas do Encontro Regional da ANPUH/RS, pretendo abordar a temática do acesso ao Mundo da Vida Cotidiana no Passado através de Processos Criminais, considerados como uma fonte de acesso ao mundo da vida cotidiana no passado. Para isso o recorte escolhido para o estudo será o do Projeto de Mestrado a História dos Bêbados de Ijuí. Optei em dividir o texto em três partes: na primeira se desenvolverá o conceito de Mundo da Vida Cotidiana, se utilizando dos trabalhos de Alfred Schutz. Na segunda parte discutirei a construção do Mundo da Vida Cotidiana no passado utilizando como referencial o trabalho de Howard Becker que trata das representações sociais. Na seqüência optei em escolher um processo criminal que possibilitasse demonstrar a construção do Mundo da Vida Cotidiana no passado de um lavrador da colônia Ijuí em 1911.

Para Alfred Schutz o Cotidiano é visto como o mundo da vida, ou mundo da vida cotidiana, sendo uma dimensão da realidade em que o homem pode intervir e modificá-lo, agindo e interagindo nele. Para o mesmo autor somente no âmbito do Cotidiano o homem pode ser

² MONSMA, Karl. Teorias Interacionistas e Fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história & cultura*. V.6,n.11, p.11-22, jan./jun.2007.

³ BECKER, Howard S. Falando Sobre a Sociedade. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo: HUCITEC, 1993.

compreendido por seus semelhantes e interagir juntamente com eles. O mundo da vida cotidiana é a realidade fundamental do sujeito⁴.

O mundo da vida cotidiana significa o mundo intersubjetivo que existia antes do nascimento dos sujeitos, e que foi vivenciado e interpretado pelos seus predecessores. Há uma interpretação desse mundo baseada num estoque de experiências anteriores, as próprias experiências vivenciadas, transmitidas por outros sujeitos, na forma de “conhecimento à mão”, as quais funcionam como um código de referência⁵.

Neste mundo, o sujeito não existe como o indivíduo individual, mas como uma múltipla existência entre os diversos homens, outros homens existem neste mundo, não só de maneira corporal, mas com uma consciência semelhante de forma intersubjetiva e compartilhada. Assim, o mundo da vida cotidiana é modificado mediante as ações dos sujeitos e tal mundo também exerce influência e modifica as ações dos homens. Entendo-se que as ações do sujeito são intersubjetivas e compartilhadas do ponto de vista social, podemos afirmar que a análise de seu cotidiano está permeada pelos referenciais tanto de seus predecessores quanto dos seus contemporâneos⁶.

Nesse sentido, Schutz e Luckmann⁷ colocam que o mundo da vida cotidiana é como um mundo natural e social, ou seja um cenário que põe limites às ações dos homens. O homem não só atua dentro do mundo, mas também sobre ele. Conforme os autores o Mundo da Vida Cotidiana é a região da realidade em que o homem pode intervir e modificá-lo enquanto age nele mediante seu corpo.

O mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e símbolos com sua estrutura de significados particular, de formas institucionalizadas de organização social⁸.

Schutz⁹ e Luckmann pontam que o ser humano nascido em um mundo social, e que vive nele sua existência cotidiana, o experimenta como construído em volta do lugar que ocupa nele,

⁴ SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 315 p.

⁵ SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 319 p.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

aberto a sua interpretação e ação. O sujeito que vive nesse mundo da vida cotidiana e estabelece relações sociais com seus semelhantes, é influenciado por seus predecessores e poderá modificar ações de seus sucessores.

O conceito do mundo da vida cotidiana desenvolvido por Schutz contou com uma interpretação e explicações dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann¹⁰. Segundo os referidos autores o Mundo da Vida Cotidiana não é somente uma realidade tomada pelos membros da sociedade da conduta de suas vidas, mas um mundo originado pelas ações dos homens comuns.

O mundo da vida cotidiana no passado é algo já encerrado, frente a isso a tarefa do historiador será à de interpretar o mesmo, construindo novas formas de observar esse passado. O mundo da vida cotidiana no passado por meio da história sempre estará em constante recriação, incorporando as novas pesquisas e novas experiências dos historiadores.

Os vestígios do mundo cotidiano deixados pelos sujeitos podem contribuir para auxiliar o historiador a interpretar esse passado, como diria Becker, o sujeito por ter vivenciado o determinado momento histórico certamente deixará representações sobre si¹¹.

A aproximação de Howard Becker com o mundo da vida cotidiana se desenvolve por meio da Teoria da Construção do Conhecimento, na qual o registro das atividades desenvolvidas pelo homem passa por uma etapa chamada de representação social. No texto Falando sobre a Sociedade¹² o autor faz uma analogia da produção do conhecimento e a elaboração de mapas. Segundo ele as tecnologias disponíveis atualmente para mapear determinadas questões estão bastante evoluídas, o que não determina que todos os mapas tenham todas as informações que os sujeitos necessitam para determinado momento. Segundo o autor citado anteriormente, as representações sociais realizadas tanto por cientistas sociais como por cidadãos comuns, não são apenas “mapas”, mas se utilizam de uma metodologia muito semelhante na elaboração das representações no dia a dia.

⁹ SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 315 p.

¹⁰ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 15ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 247p.

¹¹ BECKER, Howard S. Falando Sobre a Sociedade. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo: HUCITEC, 1993.

¹² Idem.

[...]assim como os mapas, fornecem um retrato parcial que é, todavia, adequado a alguma proposta. Todos eles surgem em ambientes organizacionais, que restringem o que pode ser feito e definem os objetivos a serem alcançados pelo trabalho. Esta perspectiva sugere vários problemas interessantes: como as necessidades e práticas das organizações moldam as nossas descrições e análises (vamos chamá-las de representações) da realidade social? Como as pessoas que utilizam estas questões têm uma ligação com as questões tradicionais sobre o conhecimento e divulgação da ciência, mas vão além disso, como veremos, para incluir problemas mais tradicionais associados às artes e à análise da vida cotidiana¹³.

O que nos interessa nesse caso é saber que as pessoas fazem representações o tempo todo, representações de si e do mundo social no qual estão inseridas. Entender essa afirmação nos leva a outra percepção, a de que as pessoas irão contar suas histórias de acordo com o ambiente em que estão inseridas, e de quem as questionaram. Mesmo o sujeito respondendo questões no tempo presente, não significa que ele relatará somente verdades ou mesmo as verdades que as pessoas querem ouvir.

A colocação de Abdelmalek Sayad¹⁴, em relação à identidade migrante é um bom exemplo. Segundo o Sayad o migrante irá mentir toda vez que a mentira for necessária para garantir o seu sucesso frente ao local de origem. Poderíamos discordar do termo mentira, pois seria mais adequado tratarmos de a verdade elaborada pelo sujeito para aquele determinado fim. Essa será uma verdade parcial, mas será uma verdade frente aos sujeitos que fazem parte do mundo social daquele sujeito, mas que desconhecem a parte da história omitida pelo narrador.

Segundo Becker¹⁵ toda representação da realidade social, seja um filme, um documentário, um estudo demográfico, um romance realista, ou um ato de contar uma história, será necessariamente parcial, menor do aquilo que se poderia ver ou anotar se estivermos no ambiente real. Segundo o mesmo autor as representações sociais são criadas pelos sujeitos exatamente para representar em menor tempo, com menor custo e de uma forma mais eficiente o

¹³ Idem.

¹⁴ Sayad, Abdelmalek. *A imigração : ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo : EDUSP, 1998. 299p.

¹⁵ Idem.

momento vivido, o que tornará essa representação eficiente ou não será exatamente o ato de selecionar, de traduzir, de arranjar e de interpretar as formas da representação social de uma maneira convincente frente aos demais sujeitos.

O fato é que com a analogia de Becker ao mapa, é possível observar que tanto mapas, como as histórias contadas pelas pessoas podem ser produzidas de uma grande variedade de maneiras. O problema das representações sociais está na representação falseada, elaborada para prejudicar determinados sujeitos, devido a sua forma de contar os fatos. Segundo Becker¹⁶ as pessoas analisam as representações falseadas quando os interesses delas poderão ser prejudicados.

A intenção de mostrar como as questões envolvendo as representações sociais estão estruturadas tem o objetivo de evidenciar que a representação do mundo da vida cotidiana no passado é algo possível, dependendo unicamente do critério do historiador em seguir passos metodológicos criteriosos na elaboração da representação deste passado. A representação social do cotidiano no passado de forma criteriosa possibilitará afastar o desenvolvimento de representações falseadas, ou uma representação não identificada pelas novas gerações do grupo analisado.

Da forma mostrada anteriormente, vimos a possibilidade de se representar a vida cotidiana de sujeitos desconhecidos no passado através de vestígios deixados pelos mesmos. Os processos criminais certamente podem ser vistos como vestígios de grande importância para o estudo do mundo da vida cotidiana dessas pessoas. Nesse momento do texto, levando em consideração os pressupostos apresentados anteriormente, se inicia a elaboração de uma representação social do mundo da vida cotidiana de um lavrador nacional em 1911.

A vida cotidiana de Barbosa está cheia de acontecimentos interessantes, mas o conflito ocorrido no dia 28 de janeiro de 1911, uma terça-feira, na oficina de José Hikenbick pode ser considerado um grande acontecimento, tanto na vida desse sujeito desconhecido pelos livros de história como para os historiadores focados no mundo das pessoas comuns.

Barbosa era um lavrador que nasceu em 1871, no território que seria a colônia Ijhuy, no lugar por ele chamado de Conceição. Ele viveu na mesma localidade durante toda a sua vida, pelo menos até ao momento do desenvolvimento do processo, pois após o encerramento do caso

¹⁶ Idem.

não temos mais informações em relação a sua vida. O processo de Barbosa também permite demonstrar que no decorrer do cotidiano dos sujeitos, a realidade pode ser muito diferente daquela construída pelos agentes sociais, bem como pela historiografia. No caso que estamos descrevendo um brasileiro, trabalhador, matou um alemão, bêbado, que ao invés de estar trabalhando estava a beber cachaça. Ou seja, o alemão referenciado pelo seu labor exemplar, tanto historicamente como socialmente, pode ter seu lugar invertido na história, quando acessamos o cotidiano de sujeitos comuns. Portanto vamos ao caso.

Barbosa era um sujeito trabalhador, pelo menos é o que as testemunhas do processo relatam em relação à sua personalidade, sendo lavrador de profissão, trabalhava de sol a sol, como indicado no relato do crime, o trabalho intenso e braçal, pois Barbosa cortava árvores na mata do Rio Conceição e a trazia de carroça até a serraria de José Hickenbick, imigrante chegado à colônia. Certamente o trabalho de Barbosa exigia muita força e gerava grandes desgastes físicos e mentais a ele.

Entretanto Barbosa não reclamava do trabalho, pelo contrário, era homem honesto e feliz com suas atividades. O dia 28 de janeiro de 1911 se iniciou como um dia igual aos demais; Barbosa se levantou às seis horas, provavelmente tomou seu mate como era o costume das populações locais e foi trabalhar, voltando por volta das vinte horas do mato para a serraria de Hickenbick, com a carroça com árvores que havia extraído no decorrer do dia. Chegando lá encontrou um grupo de alemães também funcionários da serraria a tomar cachaça e fazer algazarras. Deixou seus materiais de trabalho no local, foi avisar a seu patrão que já havia concluído seu trabalho, seu patrão ainda pediu que ele organiza-se a oficina que se encontrava toda entulhada e suja, para depois disso poder ir para casa dormir e esperar a nova jornada do próximo dia. Neste momento, Barbosa vai até seus colegas de trabalho, que estavam em outro ambiente da Serraria e pede ajuda para executar a tarefa de organizar a oficina, pois já estava cansado e os demais estavam sem fazer nada a beber cachaça. Nesse momento foi zombado e teve seu pedido negado pelos seus colegas de trabalho. Como podemos verificar Barbosa não se negava a limpar a oficina, mesmo estando exausto da jornada diária, ele não achava justo a desigualdade de tratamento dado para ele para com os seus colegas de trabalho, pelo dono da serraria. Barbosa decide pedir suas contas, alegando a injustiça que estava sofrendo, pois já trabalhava a cinco anos na serraria e seus colegas que haviam sido contratados há alguns meses,

se viam no direito de ficar bebendo cachaça ao invés de trabalhar, e ele deveria fazer o trabalho de todos. O patrão com um ar de zombaria foi aos outros empregados e relatou o que se estava acontecendo, o pedido de demissão de Barbosa. Indignados os demais funcionários, todos de origem alemã, foram até Barbosa tirar satisfações, acusando-o de estar realizando intrigas com o patrão, começaram a espancá-lo. Um segurava e outro batia, eram cinco contra um. Em um momento de “folga” das agressões, Barbosa se aproveitando do anoitecer, tira uma faca, que trazia consigo e cravou em um dos sujeitos que o batia e fugiu correndo.

Algumas horas depois é detido e preso em flagrante pela polícia local. No primeiro depoimento dado ao delegado de polícia, Barbosa relata o ocorrido, mas não é ouvido. No relatório do delegado consta o encaminhamento à promotoria pública e o próprio relatório do promotor encaminhado ao juiz, pediam inquisitorialmente a condenação de Barbosa “[...] cometeu o denunciado o crime previsto no art 274 §2 do código penal premido com as penas”[...]¹⁷.

O detalhe mais importante na trama ainda estava por vir. Quando dada à palavra a sua defesa a mesma nos permite acessar a representação do vivido por aqueles sujeitos, nos moldes de Becker¹⁸. Pelos detalhes disponibilizados pela fonte transcrevo na íntegra:

A prova testemunhal neste summario devia ser completa, porque quatro das testemunhas inqueridas, achavam-se presentes quando se deu o facto de que se tracta; entretando nenhuma dellas vio como esse facto se deu! Umas allegam que não viram por ser de noite e a ultima declara que nada vio porque¹⁹ não sabe fallar portuguez! A verdade, todavia, transparece logo. Essas testemunhas conjuntamente com a victima agrediram o accusado, que foi agarrado pela garganta e esbofeteado por Augusto Gross, a victima e pela costas agarrado por Frederico Haabuer.

Como é fácil calcular, sendo de noite, o accusado, e na situação offlictiva em que se achava, esbofeteado e seguro por adversários fortes e temiveis, usou de sua única arma, uma facca e com ella feriu um dos aggressores. É evidente que o

¹⁷ Processo Crime. Cível- Crime. Ijuí 1911. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Destaque do original.

acusado exerceu o direito da legitima defeza. Com todos os seus requisitos, de que nas folhas o art. 32 §2 e Art 34 do código penal. Primeiro: Agressão actual- Este requisito está plenamente provado dos autos a victima e seus companheiros agrediram o acusado. Essa aggreção foi injusta e imopinada como officina a própria testemunha José Hickebick, dono do engenho que apesar de se achar junto ao acusado e da victima não pode evitar a agressão. Perigo eminente existiu, pois, sendo noite o acusado agredido por homens vigorosos e temíveis, como já desse não podia ver si elles o atacavam ou não armados, sendo muito plausível que assim estivessem convencido o acusado, porque é certo que homens trabalhando jamais deixem de carregar consigo uma faca ou um facão ao menos. A prova dos autos nada diz a esse respeito, o que faz crêr dadas as circunstancias do factu, que os aggressores estivessem armados .

Segundo Impossibilidade de Prevenir Obsteraacção ou de invocar a receber socorro de autoridade publica: Este requerimento está também demonstrado. A soma foi rápida, em um compartimento escuro da officina de serrar madeiras de Hickenbick & Irmão, não havia possibilidade por parte do acusado de prevenir ou obster a açção e menos de invocar e receber socorro de auctoridade publica, que alle não existia.

A possibilidade de uma fuga era, alem de iguamimiosa, impossível em uma officina ás escuras e atopelada de madeiras e impecilios de toda a ordem, ainda que o acusado pudesse se livrar dos seus aggressores e se isso o acusado pudesse tentar teria ele por certo a victima; estava só entre estrangeiros, que não o deixariam escapar á sua sede de espezinhar enxovalhar e maltratar um patrício nosso. Isto é causa muito comum. Em um grupo de estrangeiros, colonos, onde esteja um patrício nosso, originando-se a mais leve contenta, quem paga tudo sem duvida o brasileiro; entretanto com os brasileiros da-se exactamente ao contrario todas acariam, acatam o respitam o estrangeiro. Não é bairrismo é a verdade.²⁰

No relato da defesa se pode notar o conflito étnico existente na colônia Ijuhy, tornando claro que naquela localidade existia a construção de uma superioridade étnica entre os

²⁰Processo Crime. Cível- Crime. Ijuí 1911. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

trabalhadores imigrantes, vindos da Europa ou mesmo das chamadas colônias velhas do Rio Grande do Sul. Sujeitos como Barbosa, certamente se enquadram no processo analisado por Zarth²¹, em que a chegada do colono, levou a um choque cultural com os elementos nativos da região analisada. Interessante notar também o sentimento de exclusão dos sujeitos nacionais frente à sociedade local, descrita pelo advogado como sociedade de estrangeiros.

O nosso Barbosa vivia na região desde o ano de 1871 nos matos que faziam divisas com o rio Conceição, não sendo retirado com a chegada dos imigrantes, possivelmente tenha ficado feliz com a instalação da Serraria de José Hikenbick, que lhe trouxe uma maneira de obter um ganho.

Nos autos do processo também constam informações em relação à família de Barbosa. Segundo consta, a sua família, pai e mãe já viviam no espaço discriminado anterior a 1871, situação que confirma o processo de usurpação de terras que já tinham donos por parte do processo de colonização oficial instalado na região.

Ainda seria possível traçar outros contrastes em relação à vida deste sujeito, em relação a seus filhos que também são descritos como numerosos, em relação à forma de vida de Barbosa, sendo que devemos aprofundar essas questões em outro momento oportuno. Para esse texto esperamos ter demonstrado ser possível acessar o mundo da vida cotidiana no passado de sujeitos comuns.

Referências Bibliográficas.

- BECKER, Howard S. Falando Sobre a Sociedade. In: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 15ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 247p.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MONSMA, Karl. Teorias Interacionistas e Fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. *Métis: história & cultura*. V.6,n.11, p.11-22, jan./jun.2007.

²¹ ZARTH, Paulo Afonso. *História Agrária do Planalto Gaúcho 1850-1920*. Ijuí: UNIJUI, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração : ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo : EDUSP, 1998. 299p.

SCHÜTZ, Alfred. *La construcción significativa del mundo social*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 315 p.

ZARTH, Paulo Afonso. *História Agrária do Planalto Gaúcho 1850-1920*. Ijuí: UNIJUI, 1997.

FONTE PRIMÁRIAS

Processo Crime. Cível- Crime. Ijuí. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.